



A covid-19 acabou?

Opinião



Miguel Prudêncio

Quase três anos depois de ter mudado radicalmente as nossas vidas, a covid-19 praticamente desapareceu das notícias e do dia a dia da maioria das pessoas. No passado dia 30 de setembro, a pandemia recebeu a sua “estocada final” quando as autoridades portuguesas optaram por não renovar o estado de alerta, do que resultou a abolição do isolamento obrigatório para as pessoas infetadas com SARS-CoV-2, o fim das requisições para testes passadas pela linha SNS24, e o facto de as baixas médicas por covid-19 passarem a ser pagas de forma semelhante às baixas médicas por outras doenças.

No meio do tumulto de notícias sobre outros assuntos de maior ou menor importância, esta mudança na forma como a covid-19 é abordada passou praticamente despercebida. É estranho, se considerarmos quão afetados todos fomos por esta pandemia, que esta alteração tão significativa não tenha merecido maior destaque. É que não se trata de coisa pouca: a covid-19 passou a ser considerada uma doença respiratória como as outras, com as quais vivemos, e continuaremos a viver, toda a vida.

Terá sido esta uma decisão acertada? A doutrina diverge e, mesmo entre os mais reputados especialistas, há quem critique este levantamento de restrições. Com todo o meu respeito por quem assim pensa, permito-me discordar dessa crítica. Há muito que advogo que o SARS-CoV-2 deveria passar a ser encarado como mais um vírus respiratório, de entre os vários com que contactamos regularmente. Em certa medida, pode mesmo considerar-se que ele representa uma ameaça menor do que alguns outros destes vírus, para os quais, ao contrário do que acontece para a covid-19, não existem vacinas. Com efeito, a enorme adesão à vacinação registada em Portugal, aliada a um plano de vacinação sazonal desenhado com o claro intuito de proteger os mais vulneráveis, oferece uma salvaguarda adicional extremamente importante contra esta doença. É, por isso, importante que a população continue a aderir às recomendações das autoridades a este respeito, quer no que diz



ADRIANO MIRANDA

respeito à primo-vacinação, a reforços vacinais, ou à vacinação sazonal. Desta forma, este tão esperado regresso à normalidade será não só bem-vindo, mas também o mais seguro possível.

Como tudo na vida, a decisão agora tomada não deve ser encarada de forma estática e imutável. Aconselha a prudência que se continue a monitorizar a covid-19, tal como outras doenças respiratórias, adotando, se necessário, medidas adequadas para as conter. Com a aproximação do inverno, é expectável que o número de casos de infeção por SARS-CoV-2 aumente, mas é fundamental distinguir infeção de doença, sobretudo de doença grave, importando sobretudo



Há muito que advogo que o SARS-CoV-2 deveria passar a ser encarado como mais um vírus respiratório, de entre os vários com que contactamos regularmente

manter sob controle a pressão hospitalar que decorre da segunda. Mas neste momento a situação a esse nível está absolutamente estável, sem oferecer razões para sobressaltos. Há que estar atento ao potencial aparecimento de novas variantes do vírus, porventura mais infecciosas ou capazes de iludir a imunidade gerada pelas vacinas. Mas atualmente a variante Ómicron permanece como absolutamente dominante, e as vacinas de que dispomos, incluindo as mais recentes, oferecem proteção muito elevada contra a doença, sobretudo a mais severa. É com base nessas realidades que as decisões devem ser tomadas, sendo certo que estas podem ser alteradas se aquela se modificar.

É, para mim, claro que alguns hábitos se devem manter daqui para a frente, como a utilização de máscara em contexto hospitalar, ou a tomada de precauções adequadas quando, tendo sintomas de infeção respiratória (qualquer que ela seja), contactamos com pessoas idosas ou fragilizadas. Mas, fora desses contextos específicos, este é o momento de regressar a uma normalidade há tanto tempo ansiada.

Investigador principal do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes e professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa